

SAUDAÇÃO AOS EMPOSSANDOS DA ACADEMIA SERRANA DE LETRAS.

Desembargador Armando Freire,
Acadêmico Fundador da ASEL

Senhoras e senhores, caros empossandos.

Por convocação da nossa Presidente, a Professora Maria Coeli Simões Pires, essa figura excepcional que já se inscreveu na nossa história com invulgar destaque, timoneira, desbravadora, uma mulher além do nosso tempo, uma referência irretocável, das nascentes do “Lucas” para o mundo, honrado e tomado de intensa alegria, neste dia memorável de 09 de dezembro de 2.022, sob as generosas bênçãos, ainda ontem renovadas, da nossa padroeira - Nossa Senhora da Conceição , apresento-me para proclamar as boas-vindas aos novos acadêmicos.

A jovem Academia Serrana de Letras se robustece com a integração dos novos acadêmicos, talentosos, reconhecidos e reverenciados para além dos limites do Espinhaço, desde o desabrochar cumprindo com seu mister de agregar aos seus quadros figuras que, nos

diversos segmentos da nossa sociedade, se dedicam, com zelo e esmero, à proteção e expansão dos valores culturais da nossa terra.

São peças que se ajustam nesse cenário de propósitos de bem guardar e projetar para as gerações de hoje e de amanhã os valores culturais. Cada qual com a sua bagagem, com a sua história, com a sua experiência de vida, com o seu legado. Todos, indistintamente, atentos ao compromisso de guardiões da história e das tradições da nossa Vila do Príncipe.

Muito bem-vinda **Luíza de Marilac Ramos da Silva**, das letras e do magistério, versada na língua inglesa, pós-graduada *latu sensu* em nível de especialização na língua latina e filologia Românica, graduada em Letras/português pela Faculdade de Filosofia e Letras de Diamantina, confessadamente inspirada no legado artístico de Vinicius de Moraes, Cecília Meireles, Gonçalves Dias, Machado de Assis, José de Alencar e Carlos Drummond de Andrade. Traz no seu rico acervo a marca de quem sabe lidar com as palavras, dando-lhes forma e significados, moldando-as com notável sensibilidade, chegando a esta Academia para ocupar a **Cadeira nº 15**, que tem por patrono o notável **Dom José Pedro Costa**, uma das maiores expressões do nosso clero, cuja oratória sacra, vibrante, eloquente, ainda ecoa entre Minas (Uberaba) e a Bahia (Caitité) , para se acomodar, suave e reconfortante, nas águas límpidas que cortam a

bucólica casa do “seu Juquinha do corte”, seu berço de vida e ressurreição.

Para tomar assento na **Cadeira nº 34**, cujo patrono é **Nelson Coelho de Sena**, jornalista, político, professor e literato, figura de grande expressão na vida pública do nosso país, no final do Século 19 e até meados do Século 20, se achegue, com o seu sorriso franco e contagiante, **muito bem-vindo, Carlos Pinto Nunes**, “Carlinhos” do seu Zé de Levi e da sempre alegre e acolhedora dona Iolanda, ambos de saudosa memória. Irmão do meu dileto amigo Tumerê, parceiro e confidente de tantas e saudosas aventuras nas cercanias da altaneira Igreja de Santa Rita. **Carlos Nunes**, ator, comediante e humorista laureado e premiado, diretor e produtor de inúmeras peças, um filho do Serro consagrado e reverenciado em nível nacional. Inevitável antever que a austeridade do ambiente acadêmico terá a contrapartida da descontração, da informalidade, na convivência com aquele que faz do humor um instrumento saudável para tornar a vida mais leve, puramente alegre, gostosa de ser vivida em todas as dimensões, “*enquanto durar*”, no dizer maternal de Cora Coralina.

Muito bem-vindo, **Danilo Arnaldo Briskievicz**, um serrano temperado com a garra e a bravura gaúchas mescladas com a fé e a religiosidade dos polacos, discípulo de consagrados mestres e educadores da nossa terra, dos quais sugou a seiva do saber para se consagrar como um

dos historiadores mais respeitados em Minas Gerais na atualidade. Redator emérito, cronista de apurada técnica, mestre em Filosofia pela UFMG, doutor em Educação pela PUC/Minas, pesquisador, profícuo divulgador da nossa história colonial, política, e de forma inédita, da história paroquial do Serro. Junte-se a nós e tome assento na **Cadeira de nº 03**, cujo patrono é o **Alferes Luiz Pinto**, mineiro de Caeté (MG), professor, genealogista, pesquisador, conhecedor profundo da História do Serro e Diamantina, tendo organizado valoroso arquivo que se encontra no acervo reservado do Arquivo Público Mineiro.

Muito bem-vindo **Fabrício Freire de Melo**, para tomar assento na **Cadeira nº 31**, cuja patrona é a querida e saudosa **Maria Eremita de Souza**, exímia educadora, pedagoga, historiadora, professora e Inspetora Regional de Ensino, seguramente das figuras mais queridas e respeitadas na história mais recente da Vila do Príncipe. O jovem Fabrício é versado em ciências biológicas, mestre e doutor, professor, pesquisador, com uma incursão proficiente nas artes visuais, na literatura e no instigante campo da filosofia. É fruto de uma geração das mais promissoras da nossa terra, hoje uma realidade que nos toma de orgulho, aquele orgulho “justo e santificado” de que nos fala o doutor da Igreja, Santo Agostinho. Ainda há pouco um menino, o filho de Ione e Emília, uma competente, incansável e dedicada provedora, neto de

um dos maiores empreendedores serranos, o querido e saudoso “Zé Congonha”, em tão curto espaço de tempo já toma assento na nova Academia com uma invejável bagagem profissional, digna de consagrados cientistas que ilustram a história da intelectualidade nacional.

Muito bem-vindo **Geraldo Élvio Magalhães**, filho de Seu Mário e Dona Ziza, detentor de sólida e vasta cultura forjada na sua trajetória educativa, acadêmica e profissional. De formação humanista, cursou as primeiras letras entre os Grupos Barão de Macaúbas (BH) e João Pinheiro (Serro), passando pelo Colégio Salesiano (BH) e Colégio Estadual Milton Campos, o “colégio central” da capital mineira. Sempre e desde cedo comprometido e dedicado às causas sociais, combativo, dotado de sensibilidade bastante para saber lidar com os desafios em tempos conturbados da vida política em nosso país naqueles anos sessenta. Sociólogo convicto, professor titular da Puc-Minas e da UFMG. Mestrado no Rio de Janeiro, admitido na Universidade da Califórnia , em Los Angeles, para a obtenção do PhD, quando aprofundou os estudos em uma nova teoria sociológica chamada “Etnometodologia” , com o seu criador Harold Garfinkel, o que o levou a uma incursão no campo da filosofia Fenomenológica, sob a influência de Edmund Husserl. Desfrutando hoje de merecida aposentadoria, tornou-se um poeta “bissexto”, como se intitula, mesclando o modernismo e o Hai Kai japonês, uma poesia objetiva e

sintética. Com toda essa bagagem e intensidade intelectual, Geraldo Élvio de Miranda fará pulsar com intensidade o nosso ambiente acadêmico, abrilhantando os debates, instigando as nossas reflexões na esteira de uma perspectiva de pesquisa compreensiva, com assento na **Cadeira nº 01**, cujo patrono é o saudoso **Adão Ventura**, orgulho de Santo Antônio do Itambé, do Serro, de Minas Gerais, orgulho nacional, consagrado como Poeta da Negritude, considerado pela crítica especializada um dos maiores poetas negros do Brasil no século 20.

.Muito bem-vindo **Geraldo Fábio Madureira**, meu contemporâneo no Seminário Arquidiocesano de Diamantina, para tomar assento na **Cadeira nº 12**, cuja patrona é a mestra de todos nós, a querida e reverenciada **Célia da Cunha Magalhães**, minha Diretora e Professora no saudoso Grupo Escolar João Nepomuceno Kubitschek, professora emérita do Colégio Nossa Senhora da Conceição e do Ginásio Min. Edmundo Lins. O empossando é professor e conhecedor profundo da literatura luso-brasileira, com passagem pela Sorbonne, a tradicional Universidade de Paris, nos anos de 1.974 a 1.976. Vem ilustrar a Academia com a bagagem de quem foi, na sua geração, reconhecidamente, um destacado aluno. Brilhante pela inteligência, espírito inquieto, investigativo, questionador, pessoa de fino trato, com uma vasta experiência no campo da administração pública como dedicado servidor, concursado, da

Assembleia Legislativa de Minas Gerais, certamente se apresenta como uma aquisição de valor inestimável para a nova Academia serrana.

Muito bem-vindo **Professor José Cláuver de Aguiar**, natural de Santana do Riacho, fincada nas cercanias da Serra do Cipó, serrano devoto e honorário. Forjado no rigor da vida militar, alcançou o posto de Capitão do Exército Brasileiro, traz no seu vasto e rico histórico de vida pública a vivência no magistério e no campo da educação, autor de diversas obras, entre elas “Serro, Serranos e Eu”. Tamanho o seu envolvimento com as coisas do Serro, entre os feitos mais marcantes da sua franca e profunda dedicação está a coordenação da transferência do acervo da Biblioteca do Colégio da Irmandade Religiosa da cidade de Três Rios-MG para a Biblioteca do Colégio Nossa Senhora da Conceição do Serro. O novo acadêmico assume com todos os méritos a **Cadeira nº 06**, cujo patrono é o **General Antônio Ernesto Gomes Carneiro**, figura de grande expressão entre os heróis nacionais consagrados pelos grandes feitos na nossa história, sendo imortalizado como o “herói da Lapa”, morto em combate no episódio que ficou conhecido como Cerco da Lapa, em terras paranaenses, já no ocaso da Revolução Federalista.

Muito bem-vindo aquele que vem lá das bandas do Capivari, **Laerte da Cunha**, talentoso no seu modo peculiar de expressar com pureza a música regional. Hábil

para registrar com invejável sensibilidade em seus escritos a saga daquela gente das nascentes do Rio Jequitinhonha na luta pela sobrevivência, como pontificado em seus livros “Rancho, Tropas e Garimpos” e “Contos, Crenças e Simpatias”. Um artista que se projetou com a sua polivalência por sobre a vastidão dos Vales do Jequitinhonha e do Mucuri, altamente credenciado para assumir nesta Academia o **assento nº 35**, cujo patrono é **Oswaldo França Júnior**, uma das maiores expressões da nossa literatura, dos mais consagrados escritores nacionais das últimas décadas.

Muito bem-vindos os irmãos, almas gêmeas, **Leonildo Miranda Araújo e Leosino Miranda**. Poetas, escritores, contadores de “causos”, dramaturgos, multipremiados, engajados em movimentos na defesa dos valores culturais, das artes cênicas, da literatura, sobretudo infanto-juvenil, que cresceram nesta terra , entre o “Gambá” e a “Praça de Esportes”, “espiando” as montanhas que cercam a cidade para um dia poder transpô-las. Dois valores hoje incontestáveis, que se projetaram muito rapidamente, laureados, entre tantas premiações, com o prêmio Brasil Criativo, do Ministério da Cultura, pela autoria do projeto **Teatro e Leitura em cena – um estímulo à cidadania**, em 30 de janeiro de 2.013. Se apresentam para ocupar, respectivamente, a **Cadeira nº 02**, cujo patrono é o jornalista, poeta simbolista, bacharel em Direito, **Adolfo Campos de**

Araújo; e a **Cadeira nº 04**, cujo patrono é o poeta e historiador **Aluízio Ribeiro de Miranda**, autor de “Serro, Três Séculos de História”, publicado em 1.972.

Essa é, seguramente, uma plêiade de serranos que, por seu histórico de vida, pela extensão de tudo quanto já construíram, com elevação, no vasto campo da cultura, conferem à jovem Academia tudo aquilo que dela se espera para que possa, hoje e sempre, honrar o compromisso, acima de tudo social, de estar a serviço do bem comum e da valorização do ser humano.

Temos a certeza de que será ***inter pares*** uma convivência fraterna, um conagraçamento ameno e profícuo, na medida em que voltados para uma atenta reflexão sobre o verdadeiro sentido de estarmos aqui, nesta Academia.

Senhoras e Senhores,

entre nós, neste memorável dia, a presença ilustre do eminente **Desembargador José Fernandes Filho**, enaltecida com todos os méritos, ex-presidente do egrégio Tribunal de Justiça de Minas Gerais, membro da Academia Mineira de Letras, intelectual notável, jurista de escol, professor emérito, admirável homem público, de quem ousamos apoderar de um trecho do seu pronunciamento ao tomar assento na Cadeira nº 29, da Academia Mineira de Letras, cujo patrono é Aureliano Pimentel.

São palavras de S.Exa, ouçamos o mestre:

“Verbalizada ou escrita, a humana palavra carece de completude, incapaz de definir a crise sanitária que assombra o mundo. Nossa geração testemunha a brutalidade da pandemia, milhões de vidas roubadas, lares destroçados, esperanças perdidas. A geral orfandade escancara a face da desigualdade, cruel e selvagem. Até na morte são ceifados, primeiro, os carentes e excluídos; depois, os outros. Redoma alguma impedirá esta Casa de ver, ouvir e sentir o clamor das ruas. Não lhe bastará chorar os mortos; vidente, ela cobrará mudanças, indispensáveis ao perdão evangélico”

Ao ingressar nesta Academia não podemos, jamais, ignorar o clamor dos excluídos, dos marginalizados. E são tantos, muitos, uma multidão neste vasto Jequitinhonha, aqui a sua porta de entrada.

Não seja esta Casa, como nos alerta JOSÉ FERNANDES FILHO em sua alocução, uma redoma de contemplação, **antes**, que seja uma atalaia indômita, para acolher, depurar e frutificar. Que sejamos, nessa perspectiva de eterna vigília, agentes de novos tempos, de tolerância, de humildade. Tempos livres do sectarismo que, lamentavelmente, vai aos poucos dividindo esse vasto e continental país que, ao longo da sua história, resistiu, de norte a sul, a tantas investidas contra a sua unidade – um só povo, um só país.

Fica a advertência de que só seremos respeitados e considerados, registrados na história que será escrita no promissor curso desta Academia, se estivermos vocacionados, efetivamente atentos para esse compromisso social.

Esta Casa haverá de ser, insisto em dizer, uma trincheira de resistência que manterá acesa a chama do saber, da pesquisa, da reflexão, mas, **sobretudo**, a salvo dos detratores que insistem em minar a nossa vocação para a convivência pacífica, para a promoção dos valores humanos, para a valorização de tudo quanto se presta a encurtar as distâncias, reduzir a legião dos menos favorecidos, dos excluídos, dos que ainda não têm acesso ao mínimo, que ainda perambulam, nas *urbes* e nas periferias, nas estradas e nos campos, famintos, sedentos.

Lembrando os comoventes versos do imortal Castro Alves em “Navio Negreiro”, “ **...homens em ar, sem luz, sem razão**”.

Caros empossandos,

cultivar a história faz com que vivamos muitas vidas, melhor compreendamos nossos passos, alarguemos nossos horizontes , nas palavras do jovem e brilhante magistrado Fernando Armando Ribeiro, ao ser empossado na Academia Mineira de Letras Jurídicas, ocupando a Cadeira nº 34, que tem como patrono o

jurista, político, escritor e magistrado, João Luiz Alves, ex-ministro do Supremo Tribunal Federal.

Nesta memorável noite, tomado de intensa alegria, honrado com a delegação conferida, volto a dizer-lhes, **muito bem-vindos** :

Luíza de Marilac, Carlos Nunes, Danilo Arnaldo Briskievicz, Fabrício Freire de Melo, Geraldo Élvio Magalhães, Geraldo Fábio Madureira, José Clauver de Aguiar, Laerte da Cunha, Leonildo Miranda Araújo, Leosino Miranda,

Acomodem-se , sintam-se em casa.

Muito obrigado.